

Coleção
Pensamento Contemporâneo 1

Daniel Omar Perez

**KANT E O PROBLEMA
DA SIGNIFICAÇÃO**



EDITORA
CHAMPAGNAT

KANT E O PROBLEMA
DA SIGNIFICAÇÃO

Daniel Omar Perez

KANT E O PROBLEMA DA SIGNIFICAÇÃO

Coleção Pensamento
Contemporâneo, 1

 EDITORA
CHAMPAGNAT

Curitiba
2008

© 2008, Daniel Omar Perez
2008, Editora Universitária Champagnat

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT
EDITOR CHEFE Prof. Humberto Maciel França Madeira

CONSELHO EDITORIAL
Airton Rodrigues Pinto Jr.
Alceu Souza
Antonio Martiniano Fontoura
Auristela Duarte de Lima Moser
Daniel Omar Perez
Etiane Caloy Bovkolovski
Heitor Kato
Joana Paulin Romanowski
Luiz Ernandes Kozicki
Monica Fort
Vidal Martins
Wilson Denis Benato Martins

IMPRESSÃO Gráfica Universitária da APC
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Roberta Ferreira de Mello
CAPA Silvana Carla Garcia Kuss
REVISORA DE TEXTO Lúcia Burzynski
NÚCLEO DE APOIO EDITORIAL Edena Maria Beiga Grein
BIBLIOTECÁRIA Viviane Gonçalves de Campos - CRB 9/1490

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prédio da Administração 3º andar Câmpus Curitiba CEP 80215-901 Curitiba / PR
Tel. (41) 3271-1701 Fax (41) 3271-1435 e-mail: editora.champagnat@pucpr.br

P438k Perez, Daniel Omar
Kant e o problema da significação / Daniel
Omar Perez. – Curitiba : Champagnat, 2008.
329 p. ; 21 cm. (Coleção pensamento
contemporâneo ; 1).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7292-187-9

1. Kant, Immanuel, 1724-1804. 2. Filosofia alemã.
I. Título. II. Série.

CDD 142.3

DEDICATÓRIA

*Para Emilia, Felipe e Ana.
Para meu pai e minha mãe.*

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram de algum modo para que a sua versão final fosse a que hoje publicamos. Mas devo agradecer primeiro ao meu orientador e amigo Zeljko Loparic, pelos quinze anos de afeto, trabalho e intercâmbio.

Agradeço aos professores Marcos Lutz Müller, Oswaldo Giacoia Junior, Fausto Castilho, Arley Moreno, José Oscar de Almeida Marques, Valerio Rohden, Guido Antonio de Almeida e José Heck, com quem aprendi um modo de fazer filosofia e de trabalhar na instituição universitária.

Aos colegas da Sociedade Kant, Andrea Faggion, Bruno Linhares, Marcos de Oliveira, Alexandre Hann, Juan Bonaccini, Julio Cesar Esteves, Pedro Rego, Aguinaldo Pavão, Aylton Barbieri Durão, Ricardo Ribeiro Terra, Maria de Lourdes Borges, Joãozinho Beckenkamp, Ubirajara Rancan de Azevedo Marques, Christian Hamm, Vinicius Berlindes Figueiredo, Daniel Tourinho Peres e muitos outros, que com seus diálogos e críticas me ajudaram de diferentes modos.

Aos meus amigos e colegas da Unioeste, Luis Portela, Atilio José Pires da Silveira, Libanio Cardoso Neto e Alberto Marcos Onate, com quem ensaiei diferentes modos de argumentar contra as suas críticas.

Devo uma menção necessária para Eladio Pablo Constantino Craia e Horácio Luján Martínez, com os quais compartilhei um bom percurso do caminho e muitas vezes suportaram minha obscuridade, outras não. Finalmente, agradeço à PUCPR, aos colegas de filosofia, especialmente Cleverson Leite Bastos e Antonio Edmilson Paschoal, com os quais ainda tenho muitos quilômetros de escalada.

Aos meus orientandos de graduação, PIBIC, especialização e mestrado, e àqueles alunos com os quais mantive diálogos que me permitiram sustentar ou modificar minhas teses.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Paraná e à Fundação Araucária pelo apoio financeiro e ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES SOBRE A BIBLIOGRAFIA DE KANT	11
---	----

INTRODUÇÃO SISTEMA, SISTEMÁTICA, SISTEMATICIDADE	13
---	----

PRIMEIRA PARTE O SENTIDO DAS PROPOSIÇÕES TEÓRICAS	25
--	----

SEGUNDA PARTE O SENTIDO DAS PROPOSIÇÕES PRÁTICAS	189
---	-----

TERCEIRA PARTE O SENTIDO DAS PROPOSIÇÕES REFLEXIVAS	247
--	-----

CONCLUSÃO A PROMESSA DO TRATADO	319
--	-----

REFERÊNCIAS	321
-------------------	-----

OBSERVAÇÕES SOBRE A BIBLIOGRAFIA DE KANT

A obra de Kant é citada, como manda a tradição em estudos kantianos, a partir da paginação do texto da edição da Academia de Berlin *Kants Gesammelte Schriften*. 29 Banden. Berlin: Walter De Gruyter, 1902-. Em casos de textos em latim, foi utilizada a edição bilíngüe latim-alemão das *Kant Werke*; Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983. Todo o livro foi elaborado a partir do texto em alemão, com o apoio de traduções em diferentes línguas, quando existiam. Quando se cita a obra da Academia, aparece a sigla Ak, quando se cita a obra editada por WB, aparece *Werke*. Em cada caso, o título da obra será mencionado no corpo do texto e entre parênteses aparecerá a paginação estabelecida pela academia. No caso da *Crítica da razão pura*, aparecerá a sigla CRP. No caso da *Crítica da razão prática*, aparecerá a sigla CRPr. No caso da *Fundamentação da metafísica dos costumes*, aparecerá a sigla Fund. No caso da *Crítica da faculdade de julgar*, aparecerá a sigla CFJ. No caso da *Primeira versão da Introdução à CFJ*, aparecerá *Erste Fassung*. No caso da *Introdução à CFJ*, aparecerá *Introdução à CFJ*. No caso da edição dos textos bilíngües das *Werke*, aparecerá a paginação da edição de Darmstadt.

INTRODUÇÃO

SISTEMA, SISTEMÁTICA, SYSTEMATICIDADE

Do sistema

Todos nós “sabemos” do “sistema kantiano”. Entretanto, todos nós duvidamos na hora de determinar seus alcances e limites.

Onde começa e acaba o “sistema”?

Quais são suas partes sem agregados?

Será que já está inteiramente enunciado na primeira crítica..., e só pode continuar crescendo para dentro dos seus limites...?

Será que devemos levar em conta as três críticas..., como se fossem partes de uma idéia preestabelecida? Ou a relação entre a parte teórica e a parte prática já dá conta da “totalidade filosófica”?

E os outros textos? São parte(s) do “sistema” ou apenas acessórios?

Por exemplo, os *Prolegômenos*... teriam esgotado todos os “conselhos” para o sistema de uma ... *metafísica futura*?

E a *Religião nos limites da mera razão* é apenas um trabalho marginal, que pode ser silenciado por decreto?¹ Ou é uma reflexão necessária, que faz parte do conjunto crítico?

Poderíamos condenar um texto sem condenar todos os que levam a assinatura *Kant*, na medida em que são textos “sistemáticos”?

O que é, então, aquilo que compreendemos por “sistema”? Os textos críticos...? As metafísicas da natureza e dos costumes...? Todos juntos?...

E aquele “Tratado” de metafísica..., a parte doutrinal, sempre prometida, sempre adiada..., nunca escrita? São partes inacabadas do “sistema”? São partes de um “sistema” inacabado?

Há um ponto que podemos afirmar com absoluta certeza: o termo aparece insistentemente. O abrangente campo semântico da expressão abre a possibilidade de um exercício de leitura perturbadora. Um certo incômodo aparece na interpretação do “sistema kantiano”.

Quando abordamos o texto como “sistema”, parece que estamos a meio caminho entre sua inteira compreensão e sua dissolução completa. O “sistema” parece não fechar corretamente. Tudo se passa como se na mesma medida em que vai se organizando desmancha-se, e aquilo que deveria ser uma escrita “tranquilizadora” na integridade do sistema produz uma leitura “inquietante” na incerteza dos seus traços.

Sem rodeios, enunciamos de uma só vez o nosso ponto de partida. A idéia que orientará a elaboração deste texto será a

¹ Sabemos que Kant foi expressamente proibido, por Federico Guilherme II, de escrever sobre filosofia da religião. Ver os prólogos da *Religião nos limites da mera razão* e *Conflito das Faculdades*. O medo da censura foi também um dos aparentes motivos que teria originado a demora na publicação dos textos da *Metafísica dos Costumes*. Ver a carta a Lagarde de 24/11/94, Ak. Vol. XI, p. 531.

dinâmica e a polissemia do conceito de sistema em Kant. Este conceito está estreitamente vinculado tanto à procura de uma boa metafísica (trabalho empreendido decididamente na primeira época, denominada “pré-crítica”) como à “tarefa crítica” (considerados os textos de maturidade intelectual).

Um seguimento, quase cronológico, (e escolherei esta série às vezes por pura comodidade, às vezes por pertinência) será útil na nossa tentativa de achar os sentidos do “sistema”. Este percurso mostrará como o termo tem no mínimo duas acepções fundamentais. Uma, é a de sistema como edifício, como estrutura na qual se considera uma ordem das partes. A outra, é a de sistema como atividade sistemática, metódica, mas também (e aqui vale indicarmos outro deslocamento que será tratado oportunamente) modo, maneira; sistema como sinônimo de *Verfahren*: proceder, atuar, obrar.

Sistema, estrutura, modo, metafísica, crítica... A escrita kantiana desliza no deslocamento de sentido desses conceitos. A nossa leitura do texto kantiano se desenhará, aos poucos, na espessura desses traços. Nesse sentido, o labor aqui empreendido não é o de ler palavras e arriscar significados, seja por especulação, seja por cálculo. A nossa leitura é uma leitura sistemática da densidade dos traços que fazem o texto. Que não se confunda, não procuramos o sentido do texto, nem em minúsculas, nem na sua variante “débil”. Apenas enunciamos a possibilidade do que se dá a ler na letra de Kant.

Nessa possibilidade, emerge a leitura da impossibilidade, que se revela no modo sistemático da escrita kantiana. A impossibilidade de deter o *sistema* (a sistemática) como sistema (o edifício). A impossibilidade de deter a escrita do exercício filosófico (sistemático). Digamos de uma vez, o sistema kantiano não faz “Sistema”. É a escrita sistemática de um perguntar que

pergunta sistematicamente e se pretende sistema. É a indagação deste “perguntar” o que nos levará a abordar desde o início o jogo e a tensão que surge entre estrutura e atividade, doutrina e método, metafísica e crítica. Algumas aproximações podem esclarecer esta formulação.

Fazemos uma indicação do percurso dos textos.

Em termos quase que impertinentes de tão gerais, podemos dizer que na procura de um “bom sistema metafísico” (propósito declarado nos textos pré-críticos), Kant acha uma “atividade sistemática”, começa tentando organizar um “tratado” e acaba se perguntando pela própria possibilidade da metafísica. Esse deslocamento (da constituição do sistema para a atividade sistemática), que insiste em toda a escrita kantiana, é justamente o que possibilita a passagem da empresa metafísica para a crítica, que se dá como a passagem da reflexão na metafísica para a reflexão sobre a metafísica.² Mas também possibilita as passagens dos textos de 1740 e 1750 para os *Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica* (1766), e dos juízos determinantes para os reflexivos. É nesse trabalho de deslocamento que se constitui o exercício filosófico de Kant, que se organiza o “sistema” da filosofia transcendental. Pensamento do *Übergang* que se desenha entre pontes, abismos, oceanos, orlas... Em outras palavras, (pre)-ocupação pela metafísica.

Inquirir o problema da Metafísica e da tarefa crítica pode ser ambicioso, difícil, perigoso, até arrogante. A relação entre a Metafísica e a crítica é uma questão árdua. Muitos especialistas dedicaram inteiramente sua vida acadêmica ao tema e apenas conseguiram avançar alguns poucos passos. Tudo aparece como desencorajante. Mas, mesmo assim, é preciso abordá-la diretamente, sem

² Ver Reflexão 4984, Ak. Vol. XVIII, p. 51.

preâmbulos. Sobretudo porque está permanentemente latente na textualidade kantiana. É impossível de eludir. Torna-se necessária. Essa necessidade, a nossa de tratar o tema, e a de Kant na sua recorrência incessante, baseia-se na importância medular que a questão tem para elucidar alguns aspectos sobre o conceito de “sistema”, para compreender o exercício filosófico sistemático que aqui emerge,³ para refletir sobre a reflexão kantiana.

Assim, damos mais uma aproximação ao tema.

A época “pré-crítica” (como o período da reflexão na metafísica) procura alcançar um sistema metafísico de conhecimentos certos por meio da tentativa de resolver problemas parciais sobre “objetos”, “princípios” ou “conceitos”, mas acaba se defrontando com problemas de significação nos elementos envolvidos. As questões tratadas nesses textos tornam-se, aos poucos, insolúveis por carecerem de procedimentos adequados de doação de sentido que justifiquem sua formulação. Aquele questionamento, antes que mostrar o caminho para o Tratado, indica a impossibilidade deste, ou pelo menos (para sermos mais cautelosos) seu adiamento.

O exercício sistemático de Kant, desenvolvido para abordar problemas de significação, acaba impossibilitando a concreção imediata do sistema, e aquilo que aparece como “sistema”, já não é

³ A necessidade de abordar a questão do sistema em Kant surge fundamentalmente dos avanços realizados a partir da nossa perspectiva de leitura, a saber, a sistematização da semântica transcendental. Mas é preciso declarar que o modo de colocar o problema nos seus primeiros termos também foi parcialmente inspirada por um sugestivo texto de Antônio Marques, cito: “O que significa falar-se de um sistema quando nos referimos à filosofia de Kant? De que forma é que o próprio termo, sistema, falseia o espírito e até mesmo a letra de um pensamento cuja evolução interna é impossível de fixar num momento e cujo destino parece ser o da constante superação de estádios anteriores e sempre precários? Não será que a filosofia de Kant se torna ela própria muito mais inteligível a partir do momento em que é interpretada como uma contínua e prometaica construção de problemas cuja solução o requer de imediato a passagem a outra construção do mesmo tipo?” MARQUES, 1987, p. 15. Procurei manter sempre presente estas perguntas com o intuito de resolver a última numa visão sistemática.

um Tratado, e sim uma outra “atividade”. E até, poderíamos dizer, uma atividade de análise de Sonhos...⁴ Kant, como analista de sonhos, debruça-se sobre um verdadeiro trabalho lingüístico.

A época crítica (como o período da reflexão sobre a metafísica) toma nota da problemática da significação e a desenvolve como atividade sistemática, enquanto que se pergunta pelas “condições de possibilidade” das proposições sintéticas, e, por meio dela, da própria possibilidade da metafísica. É isso o que faz da tarefa crítica um sistema enquanto atividade. É a atividade do perguntar, de um modo do perguntar, mas não para, no interior de um “edifício”, assinalar este ou aquele ente como “O ente” e assim (re)-construir mais uma metafísica clássica sobre a base de uma oposição hierarquizante e fundadora (sistema como estrutura sem atividade), e sim para pesquisar sistematicamente a economia de elementos que ordena o campo em questão. Aquilo que o trabalho crítico de Kant revela na sua operação é o próprio funcionamento dos sistemas metafísicos.

Do funcionamento da metafísica em geral

Observemos um esquema geral de funcionamento daquilo que compreendemos por “operação metafísica”. A metafísica escolhe um termo e a partir dele decide *O Sentido da Totalidade*. A totalidade era explicada e ordenada em uma só operação. Desse modo, em uma aproximação negativa, podemos dizer que não teríamos “conceitos metafísicos” sobre os quais possamos fixar nossa crítica. A metafísica se constitui em um “gesto” ou uma

⁴ Ver KANT, *Träume eines Geistesehers, erläutert durch Träume der Metaphysik*.

“imagem”.⁵ O gesto ou a *imagem* da fundação no fechamento de um e só um sentido que ordena e controla a totalidade do campo, do campo do real, daquilo que é.

O gesto ou a imagem metafísica, como dissemos, é fundante e procura abranger a totalidade de um só golpe e se erige em distintas formas; ora na decisão do *Uno* como elemento originário a partir do qual ordenar hierarquicamente o resto; ora em uma oposição fundante, também hierárquica, onde um dos elementos é anterior-superior e domina o jogo das oposições subseqüentes; ora em um conjunto de elementos, dito axiomático ou protocolar, a partir do qual deduzir-decidir o resto do sistema; ora a partir de figuras retóricas que operam como fechadura incluindo mesmo aquilo que tenta escapar do sistema. Todos esses esquemas poderiam ser apenas modelos lógicos, mas possuem um compromisso onto-teo-teleológico que os converte em operações fundantes, que constituem o gesto ou a imagem da metafísica (e desenham seu discurso).

Assim, possuem o denominador comum de tentar fechar O *Sentido* no duplo movimento de absorver-excluir. Podemos enumerar a longa e conhecida lista de tentativas metafísicas; Sensível/Inteligível em alguns textos platônicos, Criador/Criatura na relação oficial dos textos da era cristã, Sujeito/Objeto no que geralmente denominamos de textos da modernidade; mas também podemos agregar a procura pela linguagem perfeita no formalismo do século XX, o historicismo em todas as suas formas que nunca deixa de ser hegeliano, o intersubjetivismo como base de um sistema de comunicações transparentes, e assim por diante. Quer dizer, não se trata de “denunciar” este ou aquele conceito

⁵ Essas noções podem ser encontradas em textos da filosofia francesa, de DELEUZE, 1974 a DERRIDA, 1978 e da filosofia analítica, de WITTGENSTEIN, 1987; RORTY, 1994.

(formalização, história, intersubjetividade, ou sujeito), também não se trata de “condenar” a “obra” ou o “autor” com o rótulo pejorativo de metafísico, mas de desmontar o aparelho que organiza o próprio *gesto* ou a *imagem* do discurso metafísico. Não se trata apenas de buscar definições nem esclarecer conceitos, mas de encontrar a operação do texto, que faz texto, a operação que dá/faz sentido ao/no campo textual constituindo sua trama. Isso tudo se apresenta no desmonte da própria operação que é o texto. Esse “desmonte” opera por perguntas e a tarefa crítica de Kant nos permite, em alguns aspectos, trabalhar nessa direção. Deste modo, as perguntas kantianas são pela ordem da possibilidade, ou melhor, pela possibilidade da ordem. Perguntar pelo fazer sentido. É isso o que está em jogo.

Da reflexão em geral

Poder-se-ia dizer que o objeto da filosofia, em alguma medida, é esse perguntar pelo fazer sentido. Filosofar, de algum modo, é uma (pre)-ocupação com o próprio perguntar que pergunta pelo sentido. Isso é anterior tanto ao discurso metafísico quanto ao antimetafísico (se é que existe algum), ou ao a-metafísico (não no sentido de rejeitar a pergunta pelo sentido como pergunta sem sentido, mas no sentido de não procurar deter o perguntar).

A reflexão sobre o sentido da pergunta que pergunta pelo sentido é a própria atividade filosófica. Mas a Reflexão não fica fora da pergunta. A reflexão está comprometida na pergunta. A reflexão é a pergunta. Assim, a pergunta é uma reflexão pelo fazer sentido, das coisas, da própria pergunta,... tudo está comprometido na reflexão, no sentido em que a própria reflexão deve *fazer* sentido...

Esta pergunta pelo fazer sentido (que é a preocupação da Filosofia no seu reflexionar) não pode ser colocada imediata e

positivamente, já que não se trata de dar uma resposta à pergunta, senão do exercício de uma reflexão sobre a pergunta. Esta (pre)-ocupação na reflexão coloca-se a modo de questionamento. Uma reflexão, que se (pre)-ocupa com a pergunta pelo fazer sentido, demora-se no questionamento das respostas metafísicas que encobrem aquilo que está no perguntar da pergunta.

A reflexão, portanto, tem primeiramente uma atividade destruidora. Precisa destruir aquilo que encobre o perguntar, mas também, e na mesma medida, precisa fazer sentido, ela própria e seu resultado. É assim como aquilo que aqui surge é um trabalho de reflexão que se (pre)-ocupa com a pergunta pelo fazer sentido. É deste modo como o duplo jogo da destruição (ou desarticulação) e do fazer sentido é atividade e tema do texto.

A destruição da reflexão é uma desarticulação sistemática, deve desmontar sistematicamente a operação metafísica na medida em que faz sentido. Não faria sentido sem destruição.

Da sistemática kantiana

É nesse momento que incorporamos a atividade crítica kantiana enquanto sistemática, onde não se procura nem um critério de verdade cognitiva, nem uma tábua de valores morais; o que está em questão é a condição anterior a todo critério e a qualquer tábua. Assim, o sistema na etapa crítica é uma estrutura, enquanto tenta dar conta das “condições de possibilidade” do perguntar, mas na medida em que desenvolve esse “dar-conta” a crítica torna-se atividade sistemática sem poder ser reduzida apenas a uma única “estrutura”. Por esse motivo, Kant nunca consegue “acabar com a atividade crítica” como “propedêutica” e passar para a etapa doutrinal. Kant nunca consegue sair dos “preparativos”, e até fica difícil saber se esses preparativos não são já o próprio “sistema”.

Vários textos testemunham que Kant não se decidia a determinar se o sistema, tão procurado por ele, era aquele crítico ou precisava passar para o doutrinário. A própria atividade sistemática do perguntar leva Kant a não poder deter nunca a atividade crítica em uma obra doutrinal que feche por fim sua pesquisa.

A doutrina é permanentemente adiada.

Primeiramente, naqueles textos pré-críticos, questiona-se a metafísica tradicional por ser escura e confusa quanto ao uso dos seus conceitos e princípios. De acordo com Kant, essa disciplina deveria ser “melhorada”. Paralelamente (nos anos de 1760, e mais especificamente nas cartas a Lambert) trata de se decidir se corresponde publicar primeiramente o tratado da verdadeira metafísica ou o método dessa mesma metafísica, isso tudo, dentro de um encaminhamento sistemático.

Mais tarde e antagonicamente àquele projeto, Kant questiona Hume por não ter sido “sistemático” no seu ataque à metafísica. É deste modo como a *Crítica* deve ser “sistemática” na sua tarefa, perguntando-se não apenas pelo conceito de causalidade, mas pela possibilidade das proposições sintéticas cognitivas em geral. O labor deve ser feito de uma vez, “sem agregados”, “ou tudo ou nada”. Essa é a problemática em questão: uma problematização sistemática.

Entretanto, é prometida (e adiada) a “parte doutrinal”.

Quando tudo parecia estar encaminhado (com a *Crítica da razão pura* concluída), Kant não passa da “propedêutica” ao “tratado”, que era o que todos os amigos, colegas e discípulos esperavam, senão que elabora uma nova crítica, aquela que tem a ver com o âmbito do moral.

Na *Crítica da Razão Prática* questiona o discurso que instaura princípios empíricos para a determinação moral e indaga as condições de possibilidade da própria moralidade, mesmo antes de falar de “fatos morais”. O que está em questão aqui é o sentido

do enunciado da lei como proposição sintética, que faz sentido, já não teórico, mas prático.

Com a crítica ao conhecimento e a crítica à moral já concluídas na sua redação, parecia finalmente estar concluído também o trabalho “propedêutico”. Já estava na hora de começar com o tratado, mas... uma nova crítica aparece entre os escritos kantianos... Desta vez, para desenvolver o âmbito das proposições não determinantes, mas reflexivas. A *Crítica da Faculdade de Julgar* tentará desenvolver a possibilidade do estético (no belo e no sublime) e do teleológico (no referente a organismo e sistema), respondendo à pergunta pelo sentido das proposições reflexivas. Portanto, surge a necessidade de perguntar: O que é “sistema” aqui? Quer dizer... aqui, no texto kantiano... Como é que esse significante faz sentido no *corpus*? Como é que esse conceito opera? Com que mecanismos? Com que deslocamentos? Como é que se organiza o tecido kantiano para que esse termo possa ser lido?

Ler o conceito de “sistema”, essa é a questão. O sistema kantiano comporta o duplo sentido do termo: como estrutura e atividade.

O sistema ergue-se na medida em que são desmontadas as estratégias de fundamentação da metafísica tradicional e abertos os distintos âmbitos de sentido.

Temos, assim, um sistema como conjunto de princípios que, por um lado, está à procura de uma metafísica (no período pré-crítico), e, por outro, é uma estrutura de funcionamento de âmbitos de sentido (no período crítico). Um sistema em termos críticos significa um trabalho de desarticulação da metafísica e de articulação de âmbitos de sentido.

Sem rodeios, o sistema Kantiano é a pergunta sistemática pelas condições de possibilidade das preposições sintéticas em cada âmbito, e a tarefa deste livro é indagar aquelas condições como lógico-semânticas.

É assim como, neste horizonte, reconstruiremos as operações que possibilitam a significação dos conceitos usados na formulação de proposições sintéticas, que por sua vez constituirão campos semânticos nos quais podem ser enunciados problemas. Esta tarefa terá, por um lado, a reconsideração da questão do “sistema”, mas, pelo outro, a problematização do que significa “existir”, “aparecer”, “apresentar-se”, isto é, de que modo nós podemos dizer que algo aparece como branco, como grande, como bom, como útil, como mau, como belo, como agradável, como feio, como sublime, como monstruoso, como orgânico, como com certa finalidade... (a lista é incompleta)...

PRIMEIRA PARTE

O SENTIDO DAS PROPOSIÇÕES TEÓRICAS

O sentido dos problemas da metafísica

Desde cedo, Kant aborda nos seus textos o “problema” da metafísica. Não é apenas um tema da etapa crítica, também entre aqueles esquecidos artigos e trabalhos acadêmicos, do denominado período pré-crítico, encontramos alguns elementos que servem para nossa reflexão. A leitura dos textos não nos permite dizer que a questão tenha “evoluído” no decorrer dos anos e dos escritos como se fosse o avanço positivo de um conhecimento já estabelecido. O seu percurso é ainda mais complexo do que a mera cronologia e a passagem para sua “crítica” exige uma avaliação cuidadosa.

Se nos aproximarmos daqueles escritos poderemos ler implícita e explicitamente o esforço e o enunciado que declara a tentativa de “redigir uma metafísica verdadeira”. A posição de Kant em relação à tradição já se apresenta definida desde os anos 1750. Os textos pré-críticos consideram que a metafísica encontra-se envolvida em discussões dogmáticas, quando não é diretamente rejeitada pelo proceder cético. Isso está colocado na letra de vários

escritos. Como exemplo, podemos lembrar que, em 1755, nosso autor pretende melhorar a metafísica fornecendo novos modos de abordagem e novos conhecimentos. Em 1763, usa as metáforas marítimas para se referir ao estado de desorientação da metafísica e, finalmente, em 1766, acaba ironizando-a e prevendo novos rumos. Kant está à procura de uma metafísica de conhecimentos sólidos. Para construir o verdadeiro sistema, é necessário começar pelas bases, em todos os seus sentidos. Essa questão é colocada na relação epistolar Kant-Lambert. Mas também nos modos de abordagem desenvolvidos em distintos trabalhos. Por exemplo, na análise lógico-semântica do conceito de ser e da causalidade de 1755, na análise do conceito de existência de 1763, na apresentação do modo matemático e do modo filosófico de conhecimento de 1764 e na análise semântica do conceito de espírito de 1766. Tratar-se-ia de elaborar uma metafísica que não esbarre em discussões sem fundamento, em “meras discussões de escola”. Mas na mesma medida em que enuncia a publicação da “obra metafísica”, fala também da necessidade de uma reflexão sobre o “verdadeiro método” dessa metafísica. Nesse jogo da indecisão entre o “tratado” e o “método”, surge uma primeira tensão. O período pré-crítico torna-se pré-texto, pré-compreensão, mas nunca pré-anúncio do que aconteceria logo, no itinerário intelectual kantiano. A leitura do texto pré-crítico nos arroja no meio da trama, ao modo de uma epígrafe. É como epígrafe que lemos aqui o texto pré-crítico.

As cartas com Lambert e o problema do Tratado

Antes de entrar na obra “pública” de Kant, que nos permitiria localizar o diagnóstico, o método e as dificuldades do empreendimento, é pertinente revisar algumas cartas pessoais do

filósofo. A pertinência dessa intromissão se justifica no fato de que estas cartas colocam a questão procurada com a distensão da privacidade, mas também com a franqueza de um diálogo entre pares. Esse clima de cumplicidade, que gera a intimidade, permite tocar o núcleo do tema sem medir os argumentos, apresenta-se nu, e é nesse estado sem roupagens que o conflito se revela, ou melhor, entrega-se à voragem da escrita.

Na breve correspondência com Lambert, que aconteceu basicamente na segunda metade da década de sessenta do século XVIII, permite-se ver a tentativa kantiana de elaborar uma “metafísica da moral” e uma “metafísica da natureza”. Dois tratados que “poriam fim às discussões de escola”. Mas antes, ele tem um problema de “método” a resolver nas suas reflexões. Ainda não tinha decidido se primeiro devia publicar o sistema e depois o método ou vice-versa. A dúvida abraça a publicação do “método” e o método da publicação. Aparentemente uma questão já estaria decidida: existe um sistema metafísico cujas partes se dividem em “metafísica da natureza” e “metafísica da moral”, e existe um “método” dessa metafísica. Essa divisão reflete a estrutura tradicional dos manuais de metafísica que Kant utilizava nas suas aulas.

Esse método nos permitirá alcançar conhecimentos certos no interior da “ciência metafísica”. Acompanhando essa argumentação, poderíamos dizer que o verdadeiro método é o que faz da metafísica uma verdadeira ciência. O método é o que faz do amontoado um sistema. Mais uma vez, arriscaria aqui também aquela idéia segundo a qual o que não é sustentado por mero dogmatismo, nem é derrubado por mero ceticismo, é demonstrado por um método. O método permitiria construir o sistema. Kant reflexiona sobre a relação entre método e sistema e a dúvida não lhe permite colocar um ponto final na sua reflexão. O procedimento de Kant não é o método da dúvida no sentido cartesiano, que lhe permitiria ancorar e montar um sistema

como estrutura; também não é o método da dialética no sentido hegeliano, que lhe permitiria circular no sistema do espírito absoluto. Ele tentará radicalizar sistematicamente essa passagem do método para o sistema. E é nessa distância, entre método e sistema, que a indecisão kantiana torna-se dúvida sistemática, pergunta sistemática, sistema da dúvida no perguntar pela decisão. Mas, antes de esclarecer e demonstrar esta última sentença, que exige um longo rodeio, retomemos as cartas.

O início

Tal como podemos ler, na *carta de Lambert de 13 de novembro de 1765*, aparentemente Kant estava trabalhando em uma obra sobre o “método” da metafísica. Lambert escreve: “... agora vejo, querido senhor, que você publicará o *Próprio Método da Metafísica* nesta páscoa” (KANT, Ak. X, p. 51). Na verdade, já desde 1755 Kant estava trabalhando no “método da metafísica”, só que parcialmente, fragmentariamente, no tratamento de formulação e resolução de problemas específicos da metafísica e da ciência. Mas agora pareceria que aqueles trabalhos teriam tomado uma forma sistemática. Depois de indicar e pesquisar alguns erros, confusões e obscuridades do método da metafísica tradicional, Kant teria encontrado o “verdadeiro método” e, portanto, o “verdadeiro sistema” que pareceria estar disposto a publicar. Aparentemente, tudo indicaria que as pesquisas, iniciadas na década de cinquenta, teriam alcançado um resultado certo.

No entanto, Lambert, mais velho, mais experiente, reconhecido como o “*genius da Alemanha*” (KANT, Ak. X, p. 51), mesmo destacando as coincidências entre ambos, não poupa em conselhos quando se refere à apresada resolução que o colega propõe. Assim, escreve:

[...] Faz um ano o Prof. Sulzer mostrou-me a seu *Único Fundamento Possível para a Prova da Existência de Deus*. Eu achei ali meu próprio pensamento e as frases que teria escolhido para expressá-lo, e posso dizer que se você lê meu *Organon* também descobriria o seu próprio retrato na maior parte do livro. A partir de então, eu trabalhei na minha *Arquitetônica*, que será publicada no próximo ano[...].

Portanto, continua Lambert naquela carta –

[...] seria natural que concordasse com o método proposto? Eu não tenho dúvidas sobre a precisão do método. A única diferença seria que eu não conto sob “arquitetônica” todas as coisas tratadas em metafísica, e que, por outro lado, uma completa metafísica deveria incluir mais do que aquilo que teria previamente sido o caso. Eu tomo a “arquitetônica” para incluir todas as partes simples e primárias do conhecimento humano e não unicamente os *principia*, aqueles são os princípios (*Gründe*) derivados da forma do conhecimento, mas também os *axiomata* e os *postulata*. Os *Axiomata* devem ser derivados da matéria do conhecimento e unicamente aparecem em simples conceitos, pensáveis por si mesmos e não contraditórios em si, enquanto que os *postulata* estabelecem a universal e necessária possibilidade de síntese e unidade de conceitos simples. Nós não tomamos qualquer material de conhecimento unicamente desde a forma; permaneceríamos no domínio do ideal, colocaríamos mera nomenclatura se não olharmos para aquilo que é primário e possível de ser pensado em si mesmo, a matéria ou estofa objetiva do conhecimento[...]. (KANT, Ak. X, p. 51).

Cortemos aqui a carta e vamos por partes.

Lambert não só está informado da publicação kantiana senão que também se alegra em comunicar sua adesão completa, são as mesmas frases que ele “teria escolhido”, coisa difícil entre filósofos. Mas como neste caso se trataria de encontrar o *caminho da ciência*, o enunciado fica mais compreensível. Ambos procuram “conhecimentos certos na metafísica”. É no interior desse clima de cumplicidade que Lambert dá algumas sugestões para seu novo colega, a saber: antes da metafísica, é preciso de uma “Arquitetônica”. Pareceria que para evitar enganos e confusões, uma tarefa prévia e preventiva, anterior e antecipadora da metafísica se mostra como necessária. Esta “Arquitetônica” não trataria tudo o que seria o tema do sistema metafísico, senão aquilo que serve para construir tal sistema. A “Arquitetônica” se dedica aos materiais. Uma completa metafísica deveria incluir mais do que aquilo *que teria previamente sido o caso*. Deveria incluir, por exemplo, a positividade do conhecimento. Portanto, podemos pensar que quando se fala de “sistema metafísico” (à diferença da “Arquitetônica”), refere-se às partes do sistema do conhecimento metafísico, a saber: a natureza, o tratamento do mundo e das coisas, a moral, a indicação das virtudes e Deus.

Decididamente, a *Arquitetônica* é anterior. Seria preciso uma regressão às fontes, aos elementos do sistema. Quer dizer, aos elementos que permitem ordenar e construir o sistema e não apenas uma referência aos “objetos” da metafísica. Daí que Lambert questiona o “método” de Kant. Um método refere sempre ao seu objeto e o que está em questão é algo anterior, inclusive ao próprio objeto. Não se trataria de enunciar previamente um procedimento para conseguir conhecimentos metafísicos certos, mas de colocar sobre a mesa de trabalho os elementos para construir aquele procedimento e, conseqüentemente, o sistema. Seria preciso uma

“arquitetônica” que explorasse as bases do edifício do conhecimento metafísico, para logo sim falar de método e sistema.

Lambert, envolvido no “espírito da época” (para dizer de alguma maneira) está, como temos dito, à procura de um “sistema metafísico de conhecimentos certos” e o modo de abordar essa empresa é pela pesquisa do sujeito de conhecimento. Assim, seria necessário destacar não apenas os “primeiros princípios do conhecimento”, mas também a matéria desse conhecimento, a partir da qual surge a possibilidade da síntese cognitiva. “Eu utilizo a ‘arquitetônica’ – diz Lambert – para incluir todas as partes simples e primárias do conhecimento humano”... É a indicação a uma regressão para aquilo que é anterior ao conjunto de princípios. A *Arquitetônica* diferencia-se do *Método* ou do *Sistema* porque esses últimos devem se referir ao “objeto”, enquanto que a primeira orienta-se para os elementos do sujeito de conhecimento: partes simples e primárias do conhecimento humano.... Anterior ao sistema, desenha-se como conjunto de materiais: “derivados da forma do conhecimento”.

Nesse caminho de regresso aos elementos do sistema, Lambert sabe tanto quanto Kant que *nós não tomamos qualquer material de conhecimento unicamente desde a forma*. O domínio ideal da argumentação não esgota as possibilidades do conhecimento. Ou melhor, o registro *ideal* (meramente lógico) não é suficiente para desenvolver o conhecimento objetivo das coisas materiais. Devemos vasculhar todo aquilo que constitui o conhecimento objetivo enquanto tal. A primeira parte do trabalho arquitetônico, que é o reconhecimento dos materiais, já indica uma carência no domínio ideal e uma necessidade de cuidar da matéria ou estofa objetiva do conhecimento. Portanto, é uma exigência sistemática atender à matéria do conhecimento e ainda mais ao seu modo de funcionamento. Assim, por um lado, temos os *Axiomata* que devem

ser derivados da matéria do conhecimento e unicamente aparecem em simples conceitos, pensáveis por si mesmos e não contraditórios em si, e, por outro lado, os *postulata* que estabelecem a universal e necessária possibilidade de síntese e unidade de conceitos simples.

Que fique claro: “matéria” aqui se refere aos elementos do sujeito de conhecimento que implicam no modo de se referir ao objeto. Não é apenas o elemento formal e a lógica da forma aquilo que permitirá a construção de um sistema de conhecimentos certos. Esse foi o engano da metafísica tradicional que assinalaram ambos os autores. Os metafísicos tradicionais acharam que só era necessária a coerência lógica. À metafísica que daí se deduz Lambert chamou de *mera nomenclatura*. A operação consistia em pressupor uma relação nominal entre o lógico e o real. Lambert é um crítico desse procedimento e por isso propõe isolar os elementos simples da “matéria do conhecimento” e estabelecer o modo de operar. É o elemento material e a lógica da estofa objetiva o que permitirá passar para o verdadeiro sistema e, portanto, para o verdadeiro método do sistema. De acordo com o conselho de Lambert não é suficiente apenas a precisão na determinação das partes da totalidade, para uma construção adequada do edifício metafísico surge como necessária uma reflexão sobre o sistema antes de entrar nele. Arquitetônica da construção é isso o que está em jogo. Uma indagação sistemática dos elementos visando avaliar nossa capacidade para construir um sistema.

Os planos

No entanto, Kant parece não se preocupar com esse questionamento e fica envolvido em suas próprias *indecisões*. Na *carta de resposta de 31 de dezembro de 1765*, anuncia que decide mudar de planos e publicar primeiro duas “breves” *Metafísicas da Natureza*